

## JOVENS TRABALHADORES DA FRONTEIRA

Vilma Fiorotti

### RESUMO

Este artigo busca discutir pontualmente o significado da educação e do trabalho para os jovens que atuam no mercado de trabalho formal e informal, observando suas semelhanças e diferenças. Nesta direção, preocupa-se também em evidenciar alguns dos fatores que fazem com que os jovens precocemente entrem para o mercado de trabalho e como este trabalho passa a concorrer com sua escolarização, no momento que o tempo escolar é suprimido pela necessidade de ingresso no mercado de trabalho. Também se propõe a apresentar um breve diagnóstico da situação do jovem trabalhador que cursa o Ensino Médio nas escolas públicas da cidade de Guaíra-Pr.

**Palavras chaves:** Educação, Juventude e trabalho,

### ABSTRACT:

This article view discuss the meaning punctually the schooling and the work for the young this actuation in the formal and informal job market, observing your likenesses and differences. In this direction, one also preoccupies in evince some of the factors which that do young, precociously enter for the job market and they do work raisin with your schooling, at the time in what that scholastic time is suppressed by the necessity of to entry in the job market.

One proposes either to present one the short diagnosis of the situation of that laborious young what courses "Middle Education" in the publics schools of the Guaíra-Pr city.

**Keys-words:** schooling, youth and work.

## 1. Apresentação

Este artigo se propõe a analisar a situação vivida por jovens estudantes trabalhadores de Guairá-PR a partir de suas próprias experiências e perspectivas. A pesquisa foi realizada através da aplicação de questionário em 846 alunos de escolas públicas do Ensino Médio de Guairá. Através da análise dos dados dos questionários, foram selecionados dez jovens para serem entrevistados. [1]<sup>1</sup> Destes dez, todos são alunos de escolas públicas que conjugaram ou conjugam trabalho e estudo. As entrevistas foram baseadas em questões abertas sobre o significado da educação e do trabalho em suas vidas. A interação entre educação e trabalho será analisada para saber se ambos se tornaram uma referência em relação aos jovens do Ensino Médio de Guairá. Se a escola e o trabalho conseguiram estabelecer significações para estes sujeitos. Como vêm a escola e o trabalho, e lidam com a realidade de ser um estudante trabalhador.

Pelos dados levantados nos questionários aplicados e nas entrevistas realizadas junto aos jovens estudantes das escolas públicas do Ensino Médio de Guairá constatei que o trabalho concorre fortemente com a educação. O espaço reservado ao processo educativo vem sendo suprimido em importância pela necessidade urgente de ingresso no mercado de trabalho. Parte significativa da pesquisa indicou que a entrada do jovem no mercado de trabalho é determinada por pressões econômicas e sociais que empurram estes adolescentes para o mercado de trabalho formal e informal.

O baixo crescimento econômico e as transformações sociais que o Brasil sofreu nas décadas de 1980 e 1990 empobreceram ainda mais as famílias, obrigando jovens que até então estudavam, a buscar um espaço no mercado de trabalho. Transferir os estudos para o período noturno e trabalhar durante o dia tornou-se uma forma de atender as necessidades imediatas e aumentar a renda familiar. Na busca do primeiro emprego a juventude brasileira se depara com a precariedade e informalidade no trabalho. Salários baixos e falta de proteção social, torna-se rotina e passa a fazer parte do cotidiano destes jovens trabalhadores.

Neste contexto o trabalho se torna referência, o jovem é incentivado pelos pais a

---

1] Para a escolha dos alunos entrevistados foram adotados os seguintes critérios: foram excluídos das entrevistas os alunos que participaram da Proposta de Implementação pedagógica no Colégio Estadual Mendes Gonçalves. Como conhecem o projeto optei por não entrevistá-los para evitar direcionamento das respostas. Foram escolhidos 5 alunos que estudam durante o dia, 3 alunos que estudam em escolas do centro da cidade e 2 alunos que estudam em escolas de periferia. Foram escolhidos mais 4 alunos que estudam a noite, 2 em escolas do centro, 2 em escolas de periferia e 1 que estudava a noite, mas que na época da entrevista tinha abandonado os estudos.

estudar e trabalhar para assim “melhorar sua vida”. Sua longa jornada de trabalho e estudo é justificada com conceitos como: o trabalho prepara para a vida, criados pelo próprio sistema capitalista que necessita de mãos que executam tarefas determinadas pelo próprio sistema. Para poder consumir, grande parte de seu tempo é utilizado com o trabalho remunerado. Já que este “trabalho” responde a um ordenamento econômico que privilegia o acúmulo de riqueza e expressa o consumo como padrão ideal de vida. Assim as explicações para o ingresso precoce no mercado de trabalho formal e informal estão pautadas em dois motivos, o primeiro associado à pobreza familiar e a ocorrência de situações nas quais os membros mais novos são levados a ajudar no orçamento familiar. O segundo é quando o adolescente com idade entre 14 a 17 anos busca no trabalho o desejo de autonomia financeira e de acesso a bens de mercado.

O jovem trabalha para, segundo a sociedade capitalista, melhorar de vida. Porém, a inserção dos jovens em ocupações precárias e informais não contribui na sua qualificação profissional, muito menos lhe possibilita adquirir conhecimentos necessários para melhorar seu futuro profissional.

Ao estudar, trabalhar, consumir, acaba construindo um conceito de trabalho e consumo que atende apenas aos interesses capitalistas. Por isso, este artigo se propõe a analisar o significado da educação e do trabalho para os jovens, a importância que aferem ao trabalho e ao estudo, os tipos de trabalhos que realizam e o impacto da experiência de trabalho na vida escolar.

## 2. O jovem e o mercado de trabalho em Guaíra

Uma das grandes preocupações dos jovens de Guaíra tem sido sem dúvida, a inserção no mercado de trabalho. O grande objetivo da maioria é conseguir um trabalho que defina sua independência dos pais, para assim assumir responsabilidades e obrigações adultas, como pagar as próprias contas. Dessa forma, se aceita empregos precários esperando que estes os encaminhem à melhores postos de trabalho no futuro.

Ao pesquisar os jovens guairenses que cursam o Ensino Médio em Guaíra percebi que um número reduzido de adolescentes possuía carteira assinada pelo empregador em 2008. Os dados levantados mostraram que os estudantes trabalhadores da fronteira exerceram atividades remuneradas, mas, em sua maioria no mercado de trabalho informal.

Dos alunos pesquisados, que freqüentaram o Ensino Médio diurno em 2008 na cidade de Guaíra-Pr, 70% não estavam inseridos no mercado de trabalho. Destes 30% que trabalhavam apenas 7% atuava no mercado formal, o restante eram estudantes trabalhadores do mercado informal.

Mesmo sendo poucos os que estudavam e trabalhavam no período diurno o número de adolescentes que se encontravam inseridos no mercado de trabalho informal era bastante acentuado. Muitos estavam inseridos no mercado de trabalho porque a família necessitava desta complementação na renda, mas alguns trabalhavam para comprar objetos que os pais consideravam supérfluos, estes não apresentaram qualquer preocupação com a informalidade, afirmaram estar no mercado de trabalho para satisfazer uma necessidade de consumo.

Em contrapartida no período noturno o número de jovens no mercado de trabalho era mais acentuado. Dos alunos pesquisados, apenas 29% não trabalhavam, 71% eram estudantes trabalhadores, destes 23% no mercado formal e 77% no mercado informal.

Na medida em que analisei a progressão de uma série para outra percebi também as reprovações que ocorrem no percurso escolar. No período diurno 15% dos alunos do Ensino Médio em 2008 se encontravam fora da idade-série. Já no período noturno esta defasagem idade série era mais acentuada 40%. A Constituição Federal e o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente garante ao jovem o acesso e a permanência na escola, no entanto fatores como: condições econômicas da família, valorização do estudo, levam muitos jovens a permanecer no mercado de trabalho, mesmo que o empregador não respeite às oito horas de trabalho garantida em lei, o que resulta em faltas, reprovação, ou mesmo abandono escolar deste estudante trabalhador.

Enquanto na primeira série do noturno a defasagem idade série é de 59% na terceira série esta defasagem passa para 66%, muitos ficam retidos na mesma série, outros abandonam e voltam, aumentando cada vez mais o número de alunos que concluem o Ensino Médio fora da sua faixa etária normal que seria dezesseis ou dezessete anos.

A partir da análise dos dados coletados percebe-se que ao iniciar o Ensino Médio, o adolescente começa a ter outras necessidades de consumo, quer comprar roupas e calçados da moda, aparelhos de som, freqüentar festas. Como a situação econômica, da família não atende aos anseios que a sociedade capitalista lhe impõe, este jovem se vê

obrigado a trabalhar para atender estas necessidades de consumo, este fator o obriga a dar mais importância ao trabalho que ao estudo.

Dos alunos do Ensino Médio em 2008, pesquisados 218 freqüentavam a primeira série no período diurno, 132 a segunda série e 118 a terceira série. Se compararmos o número de alunos freqüentando a primeira série, com os que estavam freqüentando a terceira dá-se a impressão que ocorreu uma evasão de cinquenta por cento. Na verdade o que ocorreu foi uma transferência dos alunos da manhã para o turno da noite. Já que no período noturno aparece na pesquisa 145 freqüentavam a primeira série, 120 a segunda e 110 a terceira, muitos são remanejados para o período noturno e por conta do trabalho acabam abandonando os estudos. No índice geral provocando uma evasão de vinte e quatro por cento.

O fato é que estes remanejamentos solicitados pelos alunos que se inserem no mercado de trabalho são responsáveis pelo quadro de evasão geral. Visto que muitos iniciam o Ensino Médio no período diurno e a necessidade de trabalhar os obriga a freqüentar o ensino noturno, acentuando a porcentagem dos que ingressam na primeira série e os que chegam à terceira de um período para outro. A partir das entrevistas pude perceber que grande parte da evasão escolar é provocada por estes remanejamentos, ao transferir-se de um período para outro o aluno encontra muitas barreiras; dificuldades de interação com a nova turma, carga de trabalho exigida não condizente com o horário das aulas, sono, cansaço, salário baixo, sem registro em carteira e qualquer garantia que a leis trabalhistas proporciona. Segundo dados coletados no Colégio Estadual Mendes Gonçalves, dos alunos matriculados em 2008 no Ensino Médio diurno 10% foram remanejados para o período noturno, e o motivo do remanejamento foi o trabalho. Trabalho este responsável pela evasão escolar acima mencionada.

O uso do tempo do adolescente deveria estar comprometido com a escola, como prevê o Estatuto da Criança e do adolescente, mas não é isto que se observa. No Paraná, dos adolescentes que trabalham 73.910 não estudam o que representa o afastamento de um terço dos jovens paranaenses do sistema escolar. Entre estes os adolescentes com idade de 14 a 17 anos são os que estão em maior número fora da escola, porque trabalham em média 40 horas semanais (Mapa do Trabalho Infanto-juvenil no Paraná, 2007, p.17).

Enquanto o filho do pobre é incentivado a entrar precocemente no mercado de trabalho, o filho do rico só começa a trabalhar após a conclusão de seus estudos, porque

ele conta com a influência dos pais no primeiro emprego e possui recursos privados familiares que financiam seu ingresso mais tarde ao mercado de trabalho.

A sociedade capitalista incentiva à entrada do jovem pobre ao mercado de trabalho afirmando que com o trabalho o jovem se prepara para a vida. Se assim for somente o jovem pobre precisa se preparar para a vida? Quais os benefícios que o jovem que trabalha oito horas diárias e estuda a noite tem? Segundo Ponchmann o jovem trabalhador para tentar melhorar de vida faz um esforço sobre-humano, estudar e trabalhar requer renúncias que nem sempre o jovem está preparado para fazer (PONCHMANN, 2008, p. 3).

Os jovens de Guaíra vivem em uma incessante luta pela sobrevivência nas variadas atividades remuneradas que exercem tais como: vendedores, recepcionistas, secretários, office-boys, serventes de pedreiro, atendentes, pacoteiros, caixas de supermercados, ajudantes em oficinas mecânicas, borracheiros, bóias-frias, transporte de mercadorias na fronteira etc.

A partir do segundo questionário aplicado em 2009 foi possível perceber as mudanças e permanências com relação à entrada precoce no mercado de trabalho que ocorreu na vida dos jovens de Guaíra. Dos alunos pesquisados, que freqüentam o Ensino Médio no período diurno 60% não estão inseridos no mercado de trabalho. No entanto afirmam que gostariam de estar trabalhando e só não estão no mercado de trabalho por não conseguir um emprego que concilie o trabalho com os estudos.

Porém mesmo estudando no período diurno 40% dos alunos pesquisados exercem uma atividade remunerada, 10% a mais que em 2008. Destes apenas 18%, estão no mercado formal de trabalho, tem registro em carteira. 82% dos alunos do Ensino Médio de Guaíra que estudam durante uma parte do dia e trabalham, não possuem registro em carteira, a grande maioria atua no mercado informal, trabalham sem qualquer proteção que a lei possa garantir. Dos que trabalham 37% atuam em empresas constituídas formalmente e 63% exercem ocupações temporárias, trabalham quando conseguem arrumar alguma coisa para fazer, atuam nas mais diversas atividades. Assim, este trabalho precoce acaba cerceando o sonho de muitos jovens, ao tirar-lhes oportunidades de investimento na sua formação e contribuir para a manutenção da trajetória de pobreza.

Devido ao elevado número de alunos do diurno que responderam trabalhar em

ocupações temporárias retomei a pesquisa perguntando se o trabalho que realizam pode lhes prejudicar. Quando questionados sobre periculosidade apenas 11% responderam que a atividade que realizam pode prejudicar a vida e a saúde, a grande maioria não tem consciência quais são as atividades e os produtos manuseados por eles que podem trazer prejuízos hoje ou futuramente.

Do período diurno para o noturno aumentaram os alunos que tem mais consciência dos riscos que podem ocasionar o manuseio de alguns produtos ou máquinas, mas o índice ainda é pequeno comparado aos alunos que estão no mercado de trabalho. Quando perguntado sobre os riscos a vida e a saúde, que o trabalho que exercem pode ocasionar os alunos que estudam no período noturno apresentaram um pouco mais de preocupação com a saúde. 27% responderam que exercem atividades de risco, mas a grande maioria 73% ainda não considera seu trabalho prejudicial a sua vida e saúde.

Ao serem questionados sobre a carga horária de trabalho 73% dos alunos que estudam durante o dia trabalham 20 horas semanais, e 27% tem uma carga horária de 40 horas semanais, estudam pela manhã e trabalham a tarde e parte da noite, sem interrupção, horas corridas. Quanto à remuneração destes alunos que estudam no período diurno, 74% recebem menos que um salário mínimo, 17% o salário mínimo e 9% responderam que ganham mais que um salário mínimo. Os dados identificados na pesquisa mostram que a maioria recebe uma quantia que não compensa os prejuízos que um trabalho diário trás aos estudos.

Enquanto 60% dos alunos que estudam durante o dia não trabalham. No período noturno apenas 23% não estão no mercado de trabalho. Comparando com os alunos do período diurno, a margem de alunos que estudam a noite e trabalham é muito maior. Dos alunos pesquisados que estudam a noite 77% estão no mercado de trabalho. Destes, apenas 27% possuem registro em carteira, os outros 73% trabalham no mercado informal. Com relação aos alunos que estudam durante o dia a formalidade sobe de 18% para 27%, mas ainda é um número insignificante. São poucos que atuam na formalidade e podem contar com a proteção das leis trabalhistas, alguns trabalham em empresas, sem registro em carteira, outros trabalham como autônomos em atividades temporárias.

Dos alunos pesquisados 58% trabalham em empresas formalmente constituídas e 42% exercem atividade temporárias. Comparando com os dados do período diurno, os alunos que estudam no período noturno e trabalham durante o dia em uma ocupação permanente são em número maior. No entanto 42% é um número significativo, representa

quase a metade dos alunos que trabalham, exercendo uma atividade sem vínculo com uma empresa formalmente constituída.

Comparando os dados entre as séries do Ensino Médio, a pesquisa mostrou que os alunos que cursam a primeira série durante o dia 65% têm uma ocupação temporária e os alunos que estudam a noite e trabalham durante o dia, 70% não tem emprego fixo. Os que estudam e trabalham durante o dia na segunda série, 67% exercem um trabalho temporário. À noite 42% dos que trabalham não é em uma empresa formalmente constituída. Na terceira série as atividades temporárias diminuem entre os que estudam durante o dia, 53% exercem uma atividade temporária e a noite este índice cai para 20%. Dos alunos que estudam a noite na terceira série e trabalham durante o dia, 80% estão atuando em empresas formalmente constituídas. Percebe-se que à medida que aumenta a escolaridade aumenta também a possibilidade de emprego em uma empresa legalmente constituída. No entanto, a elevação do nível de escolaridade não garante o acesso ao emprego e muito menos uma proteção contra a precarização. Já que nos terceiros anos muitos estão desempregados e os que mantiveram o emprego em uma empresa formalmente constituída não possuem registro em carteira.

Quanto à carga horária 21% dos alunos que estudam a noite afirmaram trabalhar 20 horas semanais, 29% dos alunos 40 horas semanais, 25% dos alunos 44 horas semanais e 25% dos alunos disseram que trabalham 48 horas semanais. Carga horária não compatível com o tempo de estudo. Pois sobra apenas o domingo para estudar, descansar e se divertir.

Independente da idade ou série que estudam 50% dos alunos que freqüentam o Ensino Médio noturno de Guaíra-Pr trabalha mais que 44 horas semanais. Será que a escola e o próprio jovem está preparado para lidar com esta realidade? Como lidar com estudantes trabalhadores que se esforçam e se desgastam física e mentalmente para estudar e trabalhar sob condições postas pela vida cotidiana e pelo ambiente escolar? "Trabalhar enquanto se estuda indica não apenas uma condição de classe social, mas revela, também, uma realidade em que o controle de freqüência da educação básica dificulta muito mais do que facilita tal conciliação." (MAFRA, 1989, p.13). A escola regular como está estruturada no período noturno não oferece flexibilidade no horário, muito menos metodologia adequada a este aluno. Se o conceito de melhoria de vida que construiu não estiver vinculado à escola, muito rapidamente ele abre mão dos estudos para apenas trabalhar.

Ao serem questionados sobre a remuneração obtida com o trabalho, no período noturno 36% dos alunos afirmou ganhar menos que um salário mínimo, 35%, disseram ganhar um salário mínimo e 29% responderam que recebem pelo trabalho que realizam mais que um salário mínimo. Por conta da jornada de trabalho os alunos que estudam a noite recebem mais. E esta remuneração acaba incentivando o abandono escolar. Pois, afirmaram nas entrevistas que, se precisarem optar entre a escola e o trabalho, a preservação do emprego é mais importante que a conclusão do Ensino Médio.

Analisando os dados coletados se percebe que independente da escolaridade os jovens com uma maior jornada de trabalho, são os melhores remunerados. Na terceira série do noturno apenas 30% recebem menos que o salário mínimo, 40% recebe salário mínimo e 30% mais que dois salários mínimos. Já os que estudam durante o dia na terceira série 62% recebem menos que o salário mínimo, 26% um salário mínimo e 21% mais que dois salários mínimos. Os que estudam a segunda série no noturno 31% ganham menos que um salário mínimo, 36% recebe um salário mínimo e 33% mais que dois salários mínimos. Já no período diurno os que cursam a segunda série 80% recebem menos que um salário mínimo, 7% um salário mínimo e 13% mais que dois salários mínimos. Na primeira série aumenta o número de alunos que recebem menos que um salário mínimo. Os que estudam no período diurno 73% recebem menos que um salário mínimo, 21% o salário mínimo e 6% mais que dois salários mínimos e os que estudam no período noturno 53% recebem o salário mínimo, 26% um salário mínimo e 21% mais que dois salários mínimos.

Os alunos do período diurno que afirmaram receber mais que dois salários mínimos com atividades temporárias, sem jornada de trabalho definida segundo dados coletados são os que atuam no transporte de mercadorias via Lago de Itaipu.

A inexistência do trabalho formal bem remunerado abre espaços para o “trabalho” informal que envolve o “transporte” de mercadorias entre as duas fronteiras, acentuando o uso da força do trabalho juvenil nesta atividade. Já que este “trabalho” segundo estes jovens proporciona uma rentabilidade que supre as necessidades que o trabalho legal não proporciona.

O transporte de mercadorias do Paraguai para o Brasil, realizado por muitos adolescentes de Guaíra PR. é um dos fatores que contribui com o desinteresse escolar. Segundo os lojistas de Salto Del Guayrá, o governo Paraguaio praticamente eliminou os impostos de importação nas cidades de fronteira fazendo com que os preços dos

produtos se tornassem mais atraentes. Muitas pessoas perceberam que estes incentivos quando burlados gera muito lucro, pois, ao comprar estas mercadorias, introduzi-las no Brasil e revende-las sem pagar os impostos correspondentes o “comerciante” tem muitos lucros. É neste contexto econômico que se insere o trabalho ilegal de muitos adolescentes residentes em Guaíra. Jovens que estudam de manhã e a noite se dedicam ao transporte de mercadorias feito através do lago de Itaipu utilizando balsas improvisadas ou pequenas embarcações, que aportam as margens do lago de Itaipu.

Ao serem questionados sobre o trabalho ilegal que realizam, os adolescentes afirmaram “trabalhar” nesta atividade por causa da jornada de trabalho e remuneração obtida. Segundo eles os empregos são escassos e os empregadores de Guaíra pagam salários baixos, exigem uma jornada exaustiva de trabalho e raramente registram como aprendiz um adolescente menor de 18 anos que cumpre uma jornada de trabalho de 20 horas semanais.

Analisando os alunos por série, os que freqüentam a terceira série do Ensino Médio, período noturno 60% estão no mercado informal de trabalho e 40% no mercado formal. Já os alunos que estudam a terceira série durante o dia 82% estão no mercado informal e apenas 18% no mercado formal. Considerando que ambos possuem a mesma escolaridade, percebe-se que os padrões legalizam mais os que cumprem uma jornada de trabalho semanal de no mínimo 40 horas.

Na segunda série do noturno 75% estão no mercado informal e 25% no mercado formal. Na mesma série período diurno 95% estão no mercado informal e apenas 5% no mercado formal. Na primeira série do período noturno a informalidade é mais acentuada, 90% no mercado informal e 10% no formal. Já no período diurno 95% dos que estudam na primeira série estão no mercado informal e apenas 5% no formal. Percebe-se que os alunos que estudam durante o dia trabalham na informalidade mais que os alunos do período noturno. Pelos dados levantados a informalidade no trabalho é mais acentuada entre os alunos que cursam o Ensino Médio no período diurno devido à jornada de trabalho que cumprem ser de 4 horas diárias.

Os dados levantados mostram também que à medida que a idade aumenta diminuiu-se a informalidade. Enquanto que, na terceira série do Ensino Médio noturno 40% encontram-se no mercado de trabalho formal, na primeira série do noturno a formalidade neste mesmo mercado de trabalho diminui para 10%. À medida que o jovem atinge a maioria legal, um número maior de empresas por conta dos problemas que

pode enfrentar com a informalidade passa a legalizar o trabalho deste jovem. Isso quando não o demitem para contratar outro menor de idade que por conta da menoridade legal não vá reclamar seus direitos trabalhistas.

Fazendo a comparação por escola, 34% dos alunos que estão no mercado de trabalho e estudam no Colégio Presidente Roosevelt durante o dia exercem uma atividade remunerada. Já no período noturno esta porcentagem sobe para 75%. A maioria são estudantes trabalhadores. Os que trabalham e estudam nas duas escolas de centro de Guaíra é muito próxima. No colégio Estadual Mendes Gonçalves 40% dos alunos que estudam de manhã e a tarde já estão no mercado de trabalho. No período noturno o índice aumenta. Dos alunos que estudam 75% são estudantes trabalhadores. No Colégio Estadual Jardim Zeballos (escola de bairro) poucos alunos do diurno exercem uma atividade remunerada apenas 21%. Já no período noturno este número se acentua para 84%, a grande maioria estuda e trabalha. Assim como no Zeballos os alunos do Colégio Estadual Jaime Rodrigues (escola de bairro) que estudam pela manhã apenas 27% trabalham. Já no período noturno tem-se um aumento significativo, 77% são estudantes trabalhadores. Analisando os dados nota-se que os alunos das escolas localizadas no centro da cidade que estudam no período diurno estão em maior número no mercado de trabalho e ocupam também os melhores postos de trabalho. Já os alunos das escolas de periferia que estudam durante o dia, afirmam não estar trabalhando por não conseguir emprego. Percebe-se que o acesso ao trabalho esbarra nos contatos que a família não possui para arrumar uma atividade remunerada para o filho.

Através da pesquisa pude constatar que um número significativo de alunos que estudam a noite nas escolas de periferia trabalha. No entanto exercem atividades braçais, prestam serviços que os alunos filhos de famílias com maior renda e melhores contatos se negam a fazer.

Detectei também na pesquisa que existe uma permanência maior de meninas na escola. Enquanto os meninos são incentivados pelos pais a procurar emprego e contribuir com as despesas familiares, as meninas também trabalham, realizam os afazeres domésticos, substituem a mãe quando esta trabalha fora. E isto faz parte de uma estratégia adotada pela própria família, já que a mãe no mercado de trabalho possui uma remuneração maior que a filha menor de idade. A menina é responsável por todos os afazeres da casa, incluindo a responsabilidade pelo cuidado dos irmãos menores. Mas por conta do próprio conceito de trabalho construído pela sociedade capitalista as

atividades que realiza, não são reconhecidas como trabalho e geralmente escapam à fiscalização das entidades trabalhistas. A elas não é assegurada um tempo de estudo suficiente para expandir seus horizontes ou abrir oportunidades futuras mais atraentes, muito menos é levado em consideração suas prioridades. A condição de vida impõe uma situação de trabalho que é obrigada a aceitar, já que recebe dos pais tudo que “precisa” consumir.

Pelos dados levantados é possível caracterizar o jovem trabalhador da fronteira pela forma como este é inserido no processo produtivo. Cada um é absorvido de maneira diferenciada neste processo, uns conseguem trabalhar apenas 20 horas semanais e se dedicar aos estudos, outros precisam cumprir uma carga horária de 40 horas semanais conciliando estudo e trabalho. Porém entre as penalizações que o trabalho precoce submete estes jovens, se sobressai à jornada de trabalho de 40 horas, o jovem sem um tempo legal de estudo e lazer tem como prejuízo a deficiência da própria formação escolar.

A entrada precoce no mercado de trabalho muitas vezes é incentivada pelos pais que incutem nos adolescentes necessidades que só podem ser supridas com a venda de sua força de trabalho. Para satisfazer estas “prioridades” estes jovens entram precocemente para o mercado de trabalho. Com a renda obtida consomem as novidades ofertadas pelo mercado, mas acabam comprometendo seu futuro profissional. Isso porque o trabalho precoce está associado a prejuízos no desenvolvimento do adolescente, não apenas pela submissão a tarefas remuneradas, mas também porque o tempo de lazer e estudo é usurpado em favor de uma contribuição familiar ou uma necessidade de consumo.

### **3. O SIGNIFICADO DA EDUCAÇÃO E DO TRABALHO PARA OS JOVENS DE GUAÍRA**

Segundo as entrevistas realizadas, para muitas famílias guairenses estudar significa manter uma esperança em dias melhores. Os pais valorizam a escola como espaço de aprendizagem e crescimento pessoal. Mas esta, não é a preocupação de grande parte dos jovens entrevistados. Pelos dados coletados a inserção no mundo do trabalho é o maior desejo dos jovens que cursam o Ensino Médio nas escolas públicas de Guairá, pois, acreditam que por meio de uma atividade remunerada podem conquistar

certa autonomia econômica e consumir as novidades tecnológicas ofertadas pelo mercado.

Na afirmação dos jovens o trabalho aparece como meio de ascensão social. A obrigatoriedade de se ter um emprego é uma exigência da sociedade que foi sendo gestada junto à formação da própria classe operária. Assim o ideário ligado ao trabalho foi desenvolvido no próprio processo de construção da classe trabalhadora.

Thompson enfatiza que o processo de constituição de classe se dá em decorrência do fato de as pessoas estabelecerem, em seu cotidiano, identidades e diferenças, sentindo-se como integrantes de um mesmo grupo ou de grupos antagônicos. Segundo ele já no início da Revolução Industrial a burguesia defendia a concepção de que a preguiça entorpece o espírito e leva a manutenção da miséria. Isso provocou uma transformação no próprio significado da palavra trabalho. O que antes significava dor, humilhação e pobreza passaram a designar fonte de propriedade e riqueza, produtividade e até mesmo a expressão de condição humana. O trabalho passou a dignificar o homem e a qualificá-lo, tornando-se um indicador de posição social. Até mesmo as crianças e jovens deveriam ser disciplinadas para o tempo do capital. Thompson cita William Temple que utiliza em suas pesquisas folhetins do reverendo J. Cayton estimulando o trabalho da criança e do adolescente:

É considerável a utilidade de estarem empregadas, de algum modo, pelo menos durante doze horas por dia, ganhando o seu sustento ou não; pois, por esse meio, esperamos que a nova geração, fique tão acostumada com o trabalho constante que ele acabe por se revelar uma ocupação agradável e divertida para eles. (THOMPSON, 1998 p. 292)

Desde a formação da classe operária inglesa o trabalho infanto-juvenil esteve presente. Na medida em que o sistema capitalista se consolida, vai se construindo a mentalidade burguesa e a exploração do trabalho é justificada, seja ele do adulto ou da criança. Isso porque, com a revolução industrial o tempo é transformado em dinheiro e as transformações no modo de produção favorecem a exploração do trabalho humano e, por consequência, o trabalho de crianças e adolescentes.

O conceito de tempo de trabalho não permanece apenas nas fábricas, se instaura em toda a sociedade e torna-se um regulador dos sujeitos no processo de socialização dos jovens e das relações que constroem entre o mundo da escola e o mundo do

trabalho. Assim as expectativas criadas na escola entram em conflito com a realidade encontrada no trabalho. A escola e a família afirmam ao jovem que o estudo garante o emprego, mas ao concluir o Ensino Médio o jovem percebe que este grau de escolaridade pouco contribui para sua inserção no mercado de trabalho quando adulto.

Ao analisar o cotidiano dos jovens busco perceber qual o grau de dedicação aos estudos e ao trabalho. Suas experiências vividas como sujeitos de direito na escola e no mercado de trabalho. Ao coletar os relatos das experiências cotidianas consegui entender o significado do uso do tempo escolar e conseqüentemente o tempo de trabalho de cada um, a importância que se dá ao estudo e a importância que se dá ao trabalho.

Os jovens brasileiros de baixa renda vivem em uma situação dramática tendo que conciliar estudo e trabalho. O tempo de adolescência que deveria ser dedicado ao estudo e ao lazer é gasto tentando ganhar dinheiro em um mercado de trabalho precário e de difícil acesso. Assim, muitos passam a não ter um bom desempenho escolar, reprovam ou permanecem como analfabetos funcionais através dos anos.

Segundo Ponchmann a situação de miséria que vive grande parte das famílias brasileiras é um dos motivos que leva o Brasil a um quadro de guerra civil não declarada com uma porcentagem de 9,4% de todos os assassinatos do mundo. E Guaíra não foge as estimativas nacionais. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE tabela de registro civil) em 2006 ocorreram 35 mortes tidas como violentas em Guaíra-Pr, 4 adolescentes entre 15 e 18 anos e 4 jovens com idade de 19 a 24 anos. Em 2007 as mortes violentas aumentaram para 44 pessoas e o número de jovens também se acentuou, 4 adolescentes entre 15 a 18 anos e 7 jovens de 19 a 24 anos (IBGE 2007). Em 2008 foram 45 mortes violentas, 5 adolescentes de 15 a 18 anos 6 jovens de 19 a 24 anos. De janeiro a julho de 2009 foram assassinadas 14 pessoas, entre estas oito tinha menos que 25 anos (dados coletados na capela mortuária de Guaíra). Percebe-se que “entre os jovens filhos de pais pobres a violência tem emergido em meio à falta de um horizonte de ocupação e renda decente”. (PONCHMANN, 2004, p. 387). Segundo Ponchmann, o Brasil se tornou prisioneiro de uma situação social criada por uma elite, que praticamente abandonou a política do pleno emprego, da produção e do trabalho em nome do acúmulo de riqueza quando; 5 mil famílias passaram a controlar 40% das riquezas nacionais, 10% da população rica passou a se apropriar de 75% de tudo que é produzido deixando 90% do povo brasileiro sobrevivendo com apenas 25% das riquezas produzidas no Brasil.

Neste contexto social estão inseridos os estudantes trabalhadores de Guaíra, jovens que entram para o mercado de trabalho com 12 ou 13 anos de idade, valorizam o trabalho por conta da própria situação de vida. Como afirma este jovem que começou a trabalhar com 13 anos:

Trabalho pra melhorar minha vida, se não meu pai tem ficar comprando as coisa, e ele ganha pouco. Eu queria comprar algumas coisas (roupa calçado, celular, aparelho de som) e não tinha dinheiro, meu pai não podia me dar, ai eu pedi pra ele arrumar um emprego pra mim e ele arrumou com um amigo dele (J. O. L. 14 anos, 2009).

O conceito de trabalho construído por esta família permite a este jovem se sentir na obrigação de trabalhar. Ele não tem a menor idéia de que é economicamente explorado pelo sistema capitalista e vítima do trabalho infanto-juvenil. Quando questionado sobre a importância do estudo responde: “Gosto um pouco de estudar, mais meu pai fala todo dia que eu preciso estudar pra melhorar de emprego”. Percebe-se que a própria família não valoriza o conhecimento apenas condiciona a escolaridade a uma possibilidade de melhoria de trabalho. Quando lhe perguntei se tivesse que optar entre o trabalho e a escola, qual escolheria prontamente me respondeu:

Com a escola, porque se eu estudar vou poder conseguir um trabalho melhor, se eu não estudar vou ficar sempre trabalhando no pesado igual meu pai. Mas ai, eu não sei como vai ficar, acho que vai ser difícil, vou ficar sem minhas coisas, som, roupa, tênis, poder ir em festas (J. O. L. 14 anos, 2009).

A escolaridade está ligada à ótica do trabalho, a escola para ele ainda é garantia de um melhor trabalho. Sua identidade escola/trabalho lhe permite sonhar com um futuro melhor, provavelmente este conceito de escola e trabalho também é compartilhado por outras pessoas de seu convívio social.

A coordenadora nacional de Combate à Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente, Jane Araújo dos Santos, diz que, muitas famílias incentivam crianças a realizar trabalhos que prejudicam a educação. Segundo ela Apenas 3% das crianças que começam a trabalhar entre cinco e onze anos conseguem concluir o Ensino Fundamental. E apenas 12% dos jovens entre 12 e 15 anos que entram precocemente no mercado de trabalho chegam a se matricular no Ensino Médio ([www.pgt.mpt.gov.br](http://www.pgt.mpt.gov.br)).

Pelas entrevistas realizadas percebe-se que o trabalho do adolescente também é utilizado como forma de redução dos custos das empresas, o que tem gerado a exploração destes jovens trabalhadores. Frente à realidade econômica e social das famílias é muito difícil conciliar o trabalho realizado pelo adolescente, com sua frequência e aproveitamento escolar já que a própria situação não permite que a dignidade deste jovem enquanto pessoa humana que merece proteção especial da família, da sociedade e do Estado seja respeitada.

O ministério público publicou um texto referente ao direito do jovem se profissionalizar, no entanto este documento não é condizente com a realidade brasileira quando afirma:

Entende-se por trabalho educativo a atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevalecem sobre o aspecto produtivo. A remuneração que o adolescente recebe pelo trabalho efetuado ou a participação na venda dos produtos de seu trabalho, desde que revertido para quem o produziu, não desfigura o caráter educativo (ECS, art. 68, §§ 1º e 2º).

Vê-se, assim, que a dupla interpretação que se deu ao conceito de “trabalho educativo” compromete o próprio conceito. Educativo seria o trabalho executado por um estagiário aprendiz escolar que atua em uma empresa que lhe permita trabalhar sem prejudicar seus estudos, ou um adolescente que se profissionaliza com os próprios pais num regime familiar e pode fazer seus próprios horários de estudo e trabalho. No entanto a lei permite várias interpretações e o empregador utiliza a mais condizente com seus interesses.

No entanto, o que se presencia de fato é a entrada precoce do jovem no mercado de trabalho. Entrada essa que de imediato provoca dificuldade de conciliação entre estudo e trabalho e no futuro pode resultar em evasão escolar, subemprego e deterioração das próprias condições de trabalho, e ainda, como consequência, desta adolescência difícil, pode vir vícios como o alcoolismo, e inúmeros outros problemas provocados pela falta de estrutura econômica que uma não preparação profissional pode ocasionar.

As experiências de vida, dos adolescentes entrevistados dão-lhes a autoridade para dizer, que são eles quem melhor conhece sua realidade, ao entrevistar S.O.S.J. ele

assim definiu sua situação de estudante trabalhador:

Estou no 1º ano do ensino médio, gosto de andar de moto, jogar bola, meus pais estudaram até 4º série do primário, minha mãe é doméstica e meu pai mecânico de moto. Eu acho que todo mundo tem que estudar, se a pessoa não tiver estudo, não adianta nada, mesmo que a pessoa seja um catador de lixo tem que ter estudo. Hoje em dia até pra lixeiro tem que fazer concurso. Na prefeitura se não tiver estudo não pode nem fazer inscrição, quem dirá passar, tem que provar que sabe. Por isso a gente tem que estudar. Trabalho o dia inteiro de segunda a sexta, no sábado até meio dia, só que não sou registrado, eu ainda não tenho idade. Eu ajudo em casa e pago minhas despesas também, em casa eu pago a luz o resto compro coisas pra mim, gasto final de semana. A sala toda trabalha, tem umas meninas que não trabalham fora, mas tem que fazer todo o serviço da casa porque a mãe trabalha. Não gosto do meu trabalho, eu mexo com graxa, óleo, vou pra escola com as unha preta, não dá tempo de limpar, porque demora muito. Lá na sala eu sei quem trabalha pelo desgaste físico, o cara não presta muita atenção, já tá tão cansado, com vontade de ir embora, discute com os professores, porque tá cansado quer ir embora o professor não deixa sair, já discute xinga o professor, e vai parar na supervisão. O trabalho prejudica muito, porque a gente não tem tempo de estudar, a professora dá um trabalho e você não tem tempo de fazer nada, só trabalha e trabalha. Não faço os trabalhos de escola em hora nenhuma, é difícil eu fazer, às vezes faço em sala, na aula de outro professor, e o professor sabe que a gente trabalha, não tem jeito mesmo. As vezes quando a coisa apura eu peço um tempo maior ao professor e faço um pouquinho numa aula um pouquinho na outra até terminar. Eu não peço pro patrão para sair, porque eu vejo ele mandando embora os cara que falta. Mas os professores não dão muito trabalho a noite não, a gente faz as coisas da matéria em sala na aula do professor mesmo. Até agora minhas notas tão boas, é o primeiro ano que eu estudo a noite, antes eu trabalhava de manhã e estudava a tarde era melhor. Quando chego atrasado converso com a supervisão pra me deixar entrar na segunda aula, eles sempre deixam, porque sou bom aluno, não faço bagunça, mas os bagunceiro eles não deixam. Apesar disso tudo, o trabalho pra mim ajuda, se não trabalhar a pessoa quer ter aquele dinheiro e não tem, mas nos conteúdos atrapalha, as vezes a professora tá explicando e você tá tão cansado que não consegue prestar atenção, mas eu acho que atrapalha pouca coisa. Não gosto de estudar meus pais que me obrigam, se fosse por minha conta eu já tinha parado, é muito difícil estudar e trabalhar. Se um dia tiver que escolher, vou ter que escolher a escola, porque meu pai diz que se eu fizer uma faculdade eu vou ter um emprego melhor, ele não vai deixar eu parar de estudar. Só que aí ele vai ter que se virar pra comprar as coisas pra mim. (S.O.S.J. 15 anos, 2009)

Neste depoimento nota-se que a dureza da vida faz com que este jovem perca a vontade de estudar e preze pela urgência de buscar um trabalho ainda que informal, mas que lhe proporcione uma melhor condição de vida.

Por outro lado os pais preocupados com o futuro do filho o incentivam a estudar.

Por isso, a preocupação de pais mesmo de baixa renda, com a educação é tão presente nas entrevistas. E esta preocupação geralmente está ligada ao discurso produzido pela escola e pela sociedade que o trabalho prepara para a vida. Assim os pais acreditam que a forma de atingir um bom emprego e garantir um futuro melhor seria através de uma melhor escolaridade. No entanto as pesquisas apresentam outra realidade como afirma Ponchmann:

Quanto à questão da escolaridade, percebe-se que as taxas de desemprego se elevaram a um ritmo mais rápido justamente para os níveis de maior escolaridade entre 1992 e 2002. Para os segmentos com 14 anos de estudo, a desocupação cresceu 76,9%, 3 vezes a mais que o ritmo de crescimento do desemprego para os segmentos educacionais com até 3 anos de estudo ( PONCHMANN, p 387, 2004).

Segundo Ponchmann a estagnação econômica que vive o Brasil resulta em poucos investimentos em pesquisa e tecnologia e conseqüentemente na precarização do mercado de trabalho. No entanto a sociedade capitalista sustentada pela exploração da mão de obra continua incutindo nas pessoas que a melhoria de vida está intimamente ligada a uma maior escolaridade.

Estudar e trabalhar faz parte da rotina de milhares de jovens brasileiros que, se esforçam ao máximo para se manter na escola e no trabalho. Pela fala de S.O.S.J. não é fácil concentrar energias para dar conta de ambas as tarefas. Trabalha o dia todo, chega cansado a escola. Por esta razão não apresenta um aproveitamento ideal nas aulas, porque passa o dia todo ocupado com trabalho e, por isso, chega extremamente exausto no colégio. Segundo dados coletados nas entrevistas, a maioria dos alunos do noturno estão sem ânimo para estudar. Primeiro porque por conta do trabalho, chegam cansados; segundo porque a escola em muitos momentos não atende os anseios de uma preparação para o trabalho. Visto que, pelos relatos apresentados, grande parte dos alunos do Ensino Médio noturno das escolas públicas de Guaíra não está conseguindo utilizar os conteúdos transmitidos pelos professores na vida cotidiana de trabalho.

Para um país que investe apenas 4% do PIB (produto interno bruto) em educação, criar condições para que o jovem freqüente e aprenda na escola é uma tarefa quase impossível, diante da realidade econômica da maioria das famílias brasileiras.

S.O.S.J diz que trabalha para ter algumas coisas. A sociedade de consumo produz

modos de ser e de viver que faz o jovem considerar bens e serviços produzidos pela sociedade capitalista como algo necessário à vida. Estes bens e serviços ofertados criam mecanismos que levam a classe trabalhadora, principalmente os jovens a ter novas necessidades de consumo. Influenciado pela sociedade capitalista movida pelo lucro o jovem trabalhador é conclamado a consumir. O mundo moderno lhe apresenta tecnologias que o fascinam levando-o a viver e a consumir de tal forma que atenda a necessidade do mercado. Visto que ao fazer parte do processo produtivo o jovem além de suprir a falta de mão-de-obra, consome produtos industrializados, contribuindo assim, na consolidação do processo produção e consumo.

Assim os valores capitalistas se consolidam e influenciam principalmente os jovens a agir de acordo com os interesses imediatos. Prioriza-se apenas o que oferece determinadas “vantagens”. Se um grupo social ou um objeto lhe dá condições de inserção social busca-se a participação neste grupo ou a conquista deste objeto. O importante é o status que isso pode representar como identificação perante a sociedade que este jovem pertence, a aparência se sobrepõe à existência (GORENDER, 1999 p.125). O jovem com o apoio dos pais entra precocemente para o mercado de trabalho e supre as necessidades de consumo que os pais por conta do baixo salário não dão conta de suprir. Sem se importar se este tempo de trabalho vai prejudicar ou não seu tempo de estudo.

Assim como alguns tentam conciliar estudo e trabalho na esperança de melhorar de vida outros simplesmente abandonam a escola como é o caso de (P. O. B.) que hoje tem 20 anos e abandonou os estudos.

Comecei a trabalhar com 15 anos por que precisava pagar minhas contas, não queria mais depender só do meu pai, ai eu comecei a trabalhar. Assim que comecei achava que os conteúdos que aprendia na escola não servia pra nada. Agora eu sei que ajuda, vou dar um exemplo para a Sra no primeiro ano tinha um amigo meu que ele arrancava mandioca e eu trabalhava de ajudante de pedreiro, ai o professor de matemática ia dar aula pra nois e ensinar raiz quadrada e meu amigo gritava, professor eu vou tirar a raiz quadrada do pé de mandioca? Eu gritava assim professor eu vou tirar a raiz quadrada do tijolo? A gente sempre zoava, pensava que ia ficar sempre arrancando mandioca e sempre mexendo com tijolo, não pensava no futuro, no que podia acontecer não pensava que podia ter uma vida diferente, fazer outra coisa, naquele momento só pensava em zoar com o professor. A gente quando começa o segundo grau, não entende que pode usar o que a gente aprende na escola em outro lugar, no trabalho por exemplo. Agora eu entendo isso, mas antes eu não entendia. Mas quando eu estudava eu gostava, gostava sim e era bom aluno, de matemática principalmente apesar de zoar com o professor. ( P. O. B. 20 anos 2009)

Segundo Vygotsky (1995) a sociedade se organiza de acordo com o conhecimento disponível veiculado pelos instrumentos físicos e simbólicos dos quais os adolescentes se apropriam para dominar as tarefas que lhe são impostas pelo meio, estabelecendo na prática interação entre si e o mundo que o cerca, criando assim novas estruturas sociais, novos instrumentos de pensamento e novas estruturas cognitivas que muito contribuem no processo ensino aprendizagem. Quando isso não ocorre à escola perde seu sentido e exclui grande parte de jovens e adolescentes do direito à compreensão da sua própria realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva da qual pertence.

Para reverter esse quadro, educadores precisam ter consciência do contraste existente entre o que é transmitido na escola e a vida real de seus alunos. Principalmente porque o mundo está em constante evolução e as mudanças precisam ser conhecidas. O futuro coloca ao alcance das pessoas, técnicas avançadas, novas formas de comunicação e relacionamentos. Sem dúvida, tudo isso ajuda a uma nova sociabilidade, mas também estimula formas perversas de ação e comportamento humano, onde uns expropriam o trabalho de outros. É neste contexto que se faz necessária à orientação do educador, que é desafiado a pensar e articular formas alternativas de ajudar na construção de um novo homem e de uma nova educação, através da elaboração de propostas de vida e de educação que contemplem conhecimento, interação e informação, fatores essenciais ao desenvolvimento humano, conceito este que transcende a dimensão estritamente econômica e incorpora à função dos direitos humanos, a participação cidadã, a justiça social, a melhoria de vida e trabalho (GRAMSCI. 1978 p. 131-132).

Ao ser questionado sobre os motivos que o levaram a abandonar a escola P.O.B responde:

Quando precisei escolher entre o trabalho e a escola fiquei com o trabalho. Por causa da vida mesmo, da juventude, naquele momento pra mim o importante era aproveitar a vida, não tava ligando pra escola, o que eu queria era festar, eu trabalhava até as 6, tinha que ir pra casa correndo, não tinha tempo pra nada, aquilo me enchia o saco e todo dia era a mesma coisa. Quando eu faltava, tinha matéria pra copiar, prova pra estudar, trabalho pra fazer, tinha que estudar e eu não estudava eu tava cansado e queria dormir porque no outro dia tinha que acordar cedo para trabalhar de novo. Não é que eu era relaxado, chegou uma hora que eu não conseguia estudar e trabalhar. Eu sei que isso não é impossível tem um monte de gente que fais, se eu tivesse me esforçado mais eu tinha conseguido por que eu era bom na escola, o que faltou foi força de vontade. Hoje me arrependo de ter abandonado a escola. Aquele guri que

eu falei pra senhora que rancava mandioca, ele chegava na sala com a mão toda preta a gente zoava com ele. As menina nem chegava perto do coitado. Mas ele não desistiu, terminou o segundo grau e tá fazendo matemática, ele gasta todo o salário dele com a mensalidade mas não desiste, daqui a pouco vai tá formado, vai ser professor e nois que ria dele tamo aqui trabaiando no pesado. Eu marquei bobeira, abandonei a escola por causa de mulher bebida e festa com os amigos. É a juventude, sacou, querer ser livre, não ter compromisso com escola, poder sair todo dia. É muito difícil trabalhá e estudá se a pessoa não tiver muita força de vontade desiste mesmo ( P. O. B. 20 anos 2009)

Aqui, não só a questão da renda se mostra implicada a necessidade do trabalho. A liberdade de P.O.B está condicionada ao trabalho, ele só pode aproveitar a vida se tiver salário. A história de vida de P.O.B. retrata o cotidiano social de um jovem que encontrou no trabalho e na vontade de aproveitar a vida uma razão para sua sobrevivência. A entrada deste jovem ao mercado de trabalho não está ligada apenas à necessidade de ajudar a família. Ele queria mais, utilizar a liberdade com relação aos pais que o salário podia proporcionar para “viver a sua vida”. E o trabalho contribuía naquele momento para conquistar esta liberdade. No entanto falar das dificuldades em ser um estudante trabalhador trás para si a culpa de ter abandonado a escola. O trabalho, que naquele momento significava independência não lhe apresentou só bons momentos, trouxe frustrações e perdas. As lembranças de uma recente juventude se confundem com as precoces lembranças de trabalho para a “liberdade”. Quando questionado sobre a possibilidade de voltar a escola P.O.B respondeu:

Eu queria muito voltar pra escola, mas agora não dá, eu arrumei mulher e filho, agora é mais complicado se já era difícil agora é duas vezes mais difícil, quando eu estudava deixava as coisas sem fazer e ia enrolando, cada dia eu arrumava uma desculpa, só que chegou uma hora que não deu mais e eu desisti, agora não dá mais, o cara que realmente quer estudar ele estuda, se esforça e as vezes vai até melhor do que quem não trabalha. Se o cara ta trabalhando no pesado e quer sair daquela vida ai ele se esforça mais. ( P. O. B. 20 anos 2009)

A vida lhe roubou a juventude e P.O.B se considera o único responsável pela situação social e econômica que se encontra. Sua situação de vida e trabalho lhe dificulta a análise que, por trás de sua história de vida tem uma estrutura política social e econômica que empurra os jovens para o mercado de trabalho precário e informal. “Ao valer-se de seu trabalho apenas para sobreviver, fazendo de seu poder de produção um meio de vida e não um instrumento para a transformação consciente do meio que o cerca,

o trabalhador não tem consciência sequer de que ele é o produtor das riquezas da sociedade capitalista” (SADER. P. 57). P.B.O age assim, se culpa por não conseguir um posto de trabalho que lhe garanta um salário justo e condições dignas de vida. Reproduzindo deste modo, o discurso dominante que deposita no indivíduo toda a responsabilidade pelo seu sucesso ou insucesso na vida.

As duas últimas décadas do século XX, (1980-1990) foram marcadas por várias transformações na economia brasileira. A implantação de uma série de programas neoliberais desencadeou mudanças nas mais distintas esferas do mundo do trabalho. Com a eleição de Fernando Henrique Cardoso em 1994 houve um agravamento das condições sociais de vida, acompanhado de reformas econômicas – privatizações, mudanças constitucionais. E também uma nova forma de se pensar a educação brasileira, no sentido da mesma atender a dinâmica do mercado de trabalho. Segundo Gentili, (2002) o neoliberalismo não é apenas um sistema econômico, mas um complexo processo de construção hegemônica, que, para se manter, procura construir consenso, através da pretensa idéia de responsabilizar o sujeito pelo seu sucesso ou insucesso, na medida em que estabelece uma falsa leitura do real, onde as desigualdades sociais, geradas pela oposição entre dominantes e dominadas são dissimuladas e o sujeito se torna responsável pela sua situação de vida.

Por meio desta construção, cria-se no jovem o sentimento de que seu sucesso ou fracasso existencial em sociedade é fruto de sua escolha. Que sua inserção ou exclusão de um posto de trabalho depende da qualificação profissional, já que a escolaridade é colocada como instrumento de ascensão social.

Ao analisar algumas trajetórias ocupacionais de jovens residentes no município de Guaíra e o que pensam sobre o mundo do trabalho percebe-se que os adolescentes, filhos de pais que possuem certa estabilidade econômica tem mais clareza dos objetivos de vida. Apesar dos dilemas vividos por esses jovens trabalhadores, muitos vêm na conclusão do Ensino Médio uma possibilidade de conseguir um trabalho que lhe proporcione melhoria de vida como afirma F. A. L.

Estou no 3º ano, o conteúdo que aprendo na escola até que ajuda no meu trabalho, me ajuda sim, tipo pra me comunicar com as pessoas que vem aqui que são mais inteligente, pra isso ajuda bastante. Eu ate tipo acho legal ir pra escola, ninguém gosta de estudar, mas tem que estudar pra ser alguém na vida, conseguir um serviço bom. Meu velho, os prof. sempre falam que pra melhorar de vida tem que estudar. Acho que estudando vou

ter um emprego melhor, tipo meu tio estudou e hoje é policial vive numa boa. Até eu terminar a escola tipo vai ser difícil encontrar um emprego que eu goste, Eu queria muito ser policial pra ser policial, tipo tenho que estudar bastante, eu estudo tipo pra ser policial. Eu acho importante, tipo se eu não estudar tipo não vou conseguir passar num concurso, os prof. falam tipo que para entrar na policia tem que fazer concurso. Trabalhar e estudar dá. Tipo pra mim que estudo de manha e trabalho a tarde é, sobra a noite pra fazer as tarefas da escola, pro meus colegas que trabalham o dia inteiro tipo é mais difícil, mas tipo quem se esforça consegue sim. Tipo isso daí vai depender também do esforço do aluno, se ele que se alguém na vida, ele vai deixar tipo de fazer as coisas que gosta pra estudar, ele vai ter que se esforçar mais, para alcançar o nível de estudo de escola maior e ai batalhar pelo emprego (F.A.L. 17 anos, 2009).

Quando F.A.L. fala que ninguém gosta de estudar, mas é necessário estudar pra ser alguém na vida mostra a importância social que a família dá a educação escolar e o papel de algumas famílias na trajetória escolar de seus filhos. Principalmente o quanto o incentivo verbal e o suporte econômico do pai e da mãe contribuem na manutenção dos “sonhos” dos filhos.

Na urgência de resolver os problemas de sobrevivência, aos trabalhadores resta mover-se no interior do possível estabelecido pelas limitações impostas pelo próprio sistema capitalista (MARTINS, p. 15). Com isso a sociedade incute no trabalhador que sua inserção no mercado de trabalho está vinculada a escolarização, mascarando uma realidade econômica que não oferta postos de trabalho, deixando a responsabilidade do não emprego ao próprio trabalhador que porventura não teve acesso a educação escolar formal.

Nas várias entrevistas realizadas o desejo de ingressar no serviço público esteve presente na fala de muitos jovens. Trabalhar para o Estado tornou-se a opção de vida de um enorme contingente de jovens sem maiores chances de ascensão no setor privado. Para o jovem que não consegue emprego, não consegue entrar no mercado de trabalho, ou aquele descontente com os salários baixos da iniciativa privada, segundo a fala do entrevistado um trabalho via concurso que não exige um tempo maior de estudo se tornou uma das opções dos jovens filhos da classe trabalhadora no Brasil.

Com a consolidação do capitalismo a classe trabalhadora passou a lutar por uma educação que fosse capaz de instruí-la, em conformidade com as exigências de um novo tempo que estava surgindo, o tempo do trabalho assalariado. A função da educação, enquanto instrumento de preparação das pessoas para o exercício do trabalho passou a ser reivindicada pela classe trabalhadora e também pela sociedade burguesa que passou

a ver na educação um instrumento capaz de oportunizar ao conjunto da população os conhecimentos e valores, que poderiam se útil ao próprio sistema capitalista (SAVIANI, 1994, p. 153).

Neste contexto se o jovem não aproveitar as oportunidades que a sociedade lhe oferece, a responsabilidade não é do capitalismo e do trabalho assalariado e sim do sujeito que não valorizou a escolarização pública e gratuita que lhe foi ofertada. Ao entrevistar C. S. L, ela assim definiu o valor da educação para o trabalho:

Trabalho fazendo serviço de casa, mais gosto mais de estudar, porque na escola sempre aprendo coisas novas, dou valor ao estudo porque acho que estudando posso arrumar um bom serviço. Também é muito interessante as coisas que os prof. mostra pra gente, e todo mundo fala que quem estuda pode conseguir um serviço melhor, quem não estuda é que fica sem emprego, por isso me esforço bastante na escola, os prof. sempre fala que sou boa aluna, eu me esforço porque quero ter uma vida boa, arrumá um bom emprego (C.S.L. 15 anos, 2009).

A sociedade incute no trabalhador, que sua inserção no mundo do trabalho está no âmbito, único e exclusivo, do esforço pessoal e não no modelo econômico escolhido por uma nação ou pela política de desenvolvimento adotada por ela. Para muitos jovens é fácil aceitar que um desempregado não trabalha porque não quer, pois se baseiam na crença segundo a qual o futuro profissional depende de comportamentos individuais. O que esses jovens não se apercebem é que não existem saídas individuais para todos. (POCHMANN, 2001).

Enquanto muitos jovens percebem na escolarização uma forma de melhorar as condições de vida outros já perceberam no cotidiano da escola as falsas promessas do atual sistema de ensino. A escolarização para C.V C perdeu o papel transformador que a sociedade lhe atribuíra. O trabalho preenche seu cotidiano e neste momento isso basta como afirma em seu relato:

Não gosto de estudar, mas estudo porque meu pai diz que estudando posso arrumar um emprego que ganhe mais dinheiro. Eu estudo de manhã e trabalho a tarde. Mas eu prefiro só trabalhar e ganhar dinheiro. Mas meu pai me obriga a estudar, ele faz eu pagá a conta de luz, diz ele que é pra eu dá valor no estudo. Mas eu acho melhor ter profissão que ter estudo. Tem um amigo meu que foi convidado pra trabalhar na Debus ele vai ganhar R\$ 2.000, mas ele tem profissão é mecânico, eu acho melhor o cara fazer um curso, ter uma profissão do que estudar, é que estudar demora muito. Eu estudo mesmo porque sou obrigado, meu pai não deixa eu pará, se fosse por mim, já tinha parado, já arrumei dois serviço pra

trabalhar o dia inteiro. Mas quando eu terminá o segundo grau eu vou parar, porque eu não gosto de estudar, e fazer faculdade ainda vai ser mais difícil, meu pai quer, mas eu não vou fazer não, só vou terminar o segundo grau e pronto. Talvez eu ainda faça um curso de profissão se der certo. Pra mim estudar é o fim, não consigo ficar quieto num canto, não gosto de ler e nem de fazer tarefa. Eu sei que posso me arrepender bastante mais tarde, tem dia que eu ate tento estudar, mas não consigo. Eu ainda vou pra escola por causa de meu pai que quer muito, ele fez faculdade e tudo, ele é gerente de uma empresa de ônibus, diz ele que melhorou de vida depois que estudou, mas eu acho que posso ganhar mais dinheiro fazendo um curso de profissão (C.V.C 16 anos, 2009)

C.V.C tem uma visão negativa sobre o papel da escola em sua vida. Não se empenha nos estudos porque não considera importante o conhecimento sistematizado que a escola oferece. Aparentemente não tem compreensão do que está indo fazer todos os dias na escola. Tem pressa em concluir o Ensino Médio, quer substituir o curso superior por um técnico profissionalizante, pois considera este mais útil na manutenção ou melhoria do emprego.

Teorias educacionais afirmam que a educação nos países capitalistas se encontra aquém das reais necessidades da maioria dos jovens. Segundo Paul Singer um dos aspectos fundamentais da crise do sistema educacional é a alienação do ensino escolar que não atende os anseios dos jovens, Singer questiona:

Que tipo de pessoa nossas escolas estão formando e para que tipo de sociedade? Se a democracia é uma conquista irreversível — e quero crer que é —, qual é o modelo de cidadão consciente que inspira nosso ensino? Será que os nossos currículos correspondem adequadamente ao desejo natural de aprender dos jovens, motivando-os a participar ativamente do processo educativo?" (SINGER, p. 12).

Segundo Singer a forma como está estruturado o sistema de ensino, o tempo de duração, os conteúdos do Ensino Médio não estão sendo significativos para os jovens trabalhadores. Precisa-se saber qual é a visão que o jovem tem da escola e dos conteúdos que lhes são transmitidos para assim reestruturar o currículo que é ofertado ao estudante trabalhador. Segundo relatos dos próprios alunos não existe mais espaço para o modelo de escola para a classe trabalhadora que não associa à teoria a prática social, visto que, esse tipo de escola não dá conta da complexidade do mundo do trabalho. Paul Singer afirma que a mesma escola construída e planejada pra atender uma minoria hoje atende uma maioria, e esta escola deve ser repensada:

Se a escola pública quiser ser fiel à sua origem e vocação democrática, ela terá de se ajustar ao novo papel de educadora universal e principalmente das crianças de famílias socialmente excluídas. O que significa repensar-se por inteira e recolocar o conteúdo da instrução, a metodologia didática, a formulação de regras de conduta e o disciplinamento dos participantes no processo educativo. (SINGER P. 14).

Segundo Singer é preciso repensar a escola, seus tempos, seu espaço, sua forma de lidar com os conteúdos e com o mundo da informação. Isso significa pensar na aprendizagem como um processo, no qual conhecer a realidade e intervir nela não são atitudes dissociadas, são ações significativas que trazem mudanças para toda a sociedade.

Porém, para muitos pais, a escola não significa um privilégio de adquirir conhecimento, representa uma etapa que deve ser cumprida e tem como objetivo uma garantia de “Status social”. Por isso, alunos como C.V.C são submetidos a expectativas do meio sócio familiar, em relação a seu desempenho e são obrigados a concluir uma determinada etapa escolar porque a família e a sociedade assim exige.

A promessa de inclusão social pela educação mascara a existência de uma desigualdade estrutural própria do sistema capitalista quando associa a educação ao “bom emprego”. Assim este conceito de educação transforma-se num campo rentável passível de investimentos que gera lucro para o próprio sistema. Onde “a possibilidade de obter uma inserção efetiva no mercado depende da capacidade do indivíduo em ‘consumir’ aqueles conhecimentos que lhe garantam essa inserção” (GENTILI, 2002, p. 55).

Segundo Gentili é justamente o jovem trabalhador que conta com o apoio dos pais, que acaba sustentando a manutenção destes cursos superiores em instituições de ensino privado. Já que estes pais almejam para os filhos uma situação de vida que não tiveram condições de construir. Ao relatar sua vida cotidiana I. A. S. enfatiza a preocupação dos pais com sua educação:

Só estudo porque meu pai e minha mãe qué, eles dizem que o estudo é bom pro futuro. Falam que eu tenho que aproveita porque no tempo deles não era assim, agora tem muita chance, não estuda quem não qué, até pra fazer uma faculdade, se a pessoa quisé dá. Meu pai falô que não pode deixar nada pra mim, o que ele vai deixa é o estudo, se eu estudar bem, se eu não estudar o problema vai ser meu. Mas se eu pudesse eu acho que

eu parava de estudar, se eu tivesse condição de parar de estudar eu parava, minha mãe e meu pai pega bastante no meu pé com esse negócio de estudo, eu acho que se eles fosse assim, não desse tanta atenção pra esse negocio de estudo eu acho que já tinha parado porque é um saco chegar da escola e fazer o serviço da casa e cuidar de moleque pequeno, se eu não fosse pra escola, fazia tudo de manhã e a tarde eu ficava sossegada ( I. A. S. 16 anos, 2009)

Percebe-se que a preocupação é apenas dos pais I.A.S. não considera importante nem mesmo a conclusão do Ensino Médio. Para ela estudar e cuidar da casa são tarefas que a impedem de viver sua adolescência. Não associa à formação escolar a possibilidade de melhoria de vida. A insistência dos pais e da escola neste momento não tem significado, estudar é um fardo. I.A.S. frequenta a escola, mas não adquire conhecimento suficiente para dar continuidade aos seus estudos.

Analisando as atividades domésticas realizadas pela grande maioria das meninas que cursam o Ensino Médio percebe-se que o trabalho executado por estas adolescentes, muitas vezes, ultrapassa a simples ajuda ou participação na distribuição de tarefas dentro de casa. Cuidar da casa e de irmãos menores são tarefas que assumem característica de trabalho, com todos os prejuízos que este pode trazer a escolarização.

Tradicionalmente tem se culpado o jovem pela sua situação de vida, como sendo ele o responsável pelo desemprego ou subemprego. Costuma-se dizer que o jovem não tem responsabilidade, ou qualificação necessária para ocupar os postos de trabalho que são ofertados, mas quando analisamos a situação vivida por estudantes trabalhadores a partir de suas próprias experiências e perspectivas detectamos outra realidade como afirma E.C.M.

Eu gosto de estudar, mas é meio complicado trabalhar e estudar. De manhã vou pro colégio, chego em casa almoço e trabalho até umas 19:30 horas, depois chego em casa tomo um lanche e vou fazer as tarefas da escola. Não é fácil, as vezes a galera liga, não dá pra sair, tem que abrir mão de um montão de coisas, não é fácil ver a turma se divertindo e você tendo que fazer as tarefas da escola. Eu comecei a trabalhar pra ajudar minha mãe que se separou. Minha mãe tava precisando e eu fui ajudar ela. Minha mãe diz que dá pra estudar e trabalhar, foi ela que arrumou serviço pra mim, eu acho que sozinho eu não ia conseguir, porque não é sempre que se consegue emprego. Agora minha mãe falou que se um dia o trabalho atrapalhá muito meus estudos ela tira eu do trabalho, porque sem estudo não tem como arrumá emprego nenhum e também nem registrado sou, o patrão falou que ia me registrar, mas até agora nada, tá só me enrolando (E.C.M. 16 anos 2009).

Pela afirmação de E.C.M uma necessidade familiar o fez entrar precocemente para o mercado de trabalho e ter menos tempo para o estudo. Apesar da situação econômica que empurra o filho precocemente para o mercado de trabalho, a mãe acredita que é possível estudar e trabalhar sem prejuízos. Percebe-se que a naturalização do trabalho de adolescentes permeia toda a sociedade, assim como os seus efeitos sobre a vida escolar, sem dúvida esta naturalização está mais evidenciada nas famílias com dificuldades econômicas.

A situação econômica das famílias é um fator determinante, no entanto não é o único responsável pela entrada de adolescentes no mercado de trabalho, está presente na mentalidade coletiva brasileira. Existem várias justificativas e ações que tornam o trabalho precoce algo natural, o que contribui para sua permanência e seu crescimento em todos os Estados brasileiros.

Segundo Ponchmann (2001) a educação continua sendo cada vez mais necessária, mas ela é insuficiente para garantir emprego, principalmente porque as estatísticas apresentam o crescimento do desemprego entre os jovens de maior escolaridade e provavelmente os jovens trabalhadores já perceberam isso. A educação hoje não consegue dar respostas que efetivamente atendam às necessidades de muitos adolescentes, principalmente dos estudantes trabalhadores. Ao falar de educação J.E.F.S. assim define a importância do estudo em sua vida:

Não acho importante o estudo, meu pai estudou até a quarta série e hoje, tudo que ele tem e conseguiu não foi por causa do estudo e tudo que nós tem hoje não foi por causa do estudo, foi por causa do conhecimento do mundo, tudo que meu pai aprendeu foi com o mundo. E ele sabe muita coisa sem precisá de escola. O bom da escola de verdade é que se você precisá arrumá um serviço você tem ali como provar e a escola da vida não. Só que também tem muitas coisas que você aprende na escola de verdade que não faz diferença pra vida. Se eu tivesse que escolher entre o trabalho e a escola, ficava com o trabalho porque acho que aprendo mais no trabalho que na escola. Hoje meu pai sai, precisa viajar, deixa tudo na minha mão, tudo fica sob minha responsabilidade, o balanço do mês é eu que faço, dinheiro é na minha mão, o que sai o que entra, no final do dia quem fecha o caixa é eu. É tudo comigo, trabalho na parte da tarde, porque de manhã vou pra escola, mas quando chego no serviço é tudo em cima de mim né, tudo que acontece é tudo eu, eu tenho que me responsabilizá e é uma coisa que no futuro pra mim vai ser bom, porque eu já sei como funciona, o que eu tenho que fazer. Eu gosto do meu serviço, pra mim é experiência, ganho meu dinheiro pra comprar minhas coisas, toda semana meu pai me dá. Mesmo eu sendo menina meu pai me pos

para trabalhar, porque meu pai fala que começou a trabalhar com 7 anos de idade, com 10 anos ele não precisava mais do meu avô pra sustentar ele, já sabia se virar sozinho, então ele passa isso pra mim, pra mim também aprender a ter noção como é o mundo, meu pai diz que o mundo não é fantasia que o povo pensa que é, tem muitas coisas que a escola não ensina, é as coisa que vai acontecendo no mundo e a gente aprende com o mundo. Minhas colegas falam que sou boba, que não tenho tempo de sair porque eu só tenho folga no domingo, mas eu não ligo, porque tô trabalhando e ganhando meu dinheiro, dia de domingo eu tô sossegada em casa quando quero sair saio, se eu quiser gastar, posso gastar, isso que interessa pra mim. Eu preciso me preocupá com meu futuro, trabalhando eu vou ter noção do que fazer mais pra frente, quem sabe eu não continue no mesmo ramo do meu pai, já que ele tá pensando em abrir mais umas duas garapeiras(J.E.F.S. 15 anos, 2009)

A fala de J.E.F.S nos reporta para o início do capitalismo onde aqueles que pertenciam a classe explorada eram educados nas próprias oficinas de trabalho ou seja: "o povo se educava no próprio processo de trabalho. Era o aprender fazendo. Aprendia, lidando com a realidade, aprendia agindo sobre a matéria, transformando-a" (SAVIANI, 1994, p. 153). Será que a realidade social e econômica do país, está nos reportando para o início da era moderna? J.E.F.S não acredita que a escolarização possa contribuir na preparação de seu futuro profissional e não vê a escola como matriz do conhecimento. Segundo ela, existe saber fora da escolarização, é o saber da experiência cotidiana que não é levado em conta na escola.

O relato desta adolescente pode servir de alerta para que os responsáveis pela educação brasileira percebam que a escola deixou de ser referência para o jovem e seu futuro. A maior queixa dos educadores é o desinteresse do aluno pela escola. Analisando o relato desta jovem percebe-se que o professor está tentando ensinar quem não quer aprender, ou não considera importante a escolarização para sua vida neste momento.

O conceito de trabalho "por conta própria" detectado na fala de muitos jovens de Guaíra é construído pela própria sociedade guairense. E o transporte ilegal de mercadorias contribui para disseminação deste conceito, muitos jovens consideram este "trabalho" uma forma rápida de acumular um bom dinheiro para abrir seu próprio negócio como se percebe na fala de M.S.D:

Estudá pra que, conheço um montão de gente estudada que ganha menos que eu, só vou pra escola porque se eu caí, tando estudando não dá nada, eu saio logo. Mas tem dia que quase desistu da escola, trabaio a noite inteira, carregando caxa pesada, chego di madrugada, nem cabo de dormir

e minha mãe já tá me chamando pra ir prá escola. Mais as coisa vão miorá, o patrão falô que eu so espertu, daqui uns dias vou sê chefinho, ai sim vou juntar dinheiro, largá dessa vida e monta uma coisa pra mim (M.S.D, 16 anos 2009)

Nesse caso, também, é possível que M.S.D seja porta-voz de um imaginário social local em que a pessoa “esperta” consegue detectar uma oportunidade e estabelecer metas para atingir seu objetivo. No entanto a realidade é outra, antes de concretizar o sonho, estes adolescentes são pegos pela polícia e acabam comprometendo seu futuro. Visto que são contratados para transportar cigarros, mas no momento da apreensão geralmente estão transportando drogas ou armas, já que não são informados dos produtos que transportam nestas caixas.

Segundo dados que coletei o número de apreensões tem se multiplicado nos últimos anos em Guaíra. Em 2006 foram encaminhadas para a delegacia da polícia civil de Guaíra 30 pessoas maiores de 18 anos enquadradas na lei 11343/06, artigo 33, posse e transporte de drogas. Neste ano não foi feita apreensão de adolescente. Em 2007, o número de pessoas enquadradas por esta lei aumentou para 394, mas também não ocorreu nem uma prisão de adolescente por tráfico de droga. Mas foi em 2008, que o número de pessoas presas na delegacia de polícia civil de Guaíra por envolvimento com drogas cresceu assustadoramente. De janeiro a Junho foram presas 611 pessoas, entre elas 32 adolescentes. De julho a dezembro de 2008, outras 687 pessoas entre elas 37 jovens menores de 18 anos foram autuadas pela lei 11343/06, artigo 33. Na totalidade de janeiro a dezembro, foram presas 1.298 pessoas, entre elas 69 jovens menores de dezoito anos. No entanto o envolvimento de adolescentes com o mundo das drogas se acentuou mesmo em 2009. De janeiro a junho, foram presas 313 pessoas envolvidas com drogas, destas autuadas e presas, 73 eram adolescentes menores de 18 anos. Se compararmos com número de pessoas adultas presas e o numero de jovens autuados em 2008 no primeiro semestre o número de jovens menores de dezoito anos envolvidos com a criminalidade aumentou mais de 50% em 2009.

## **Conclusão**

Os dados levantados e as entrevistas apresentaram outra realidade, principalmente entre os jovens que trabalham 8 horas diárias e estudam a noite. Conseguir esta conciliação é uma tarefa árdua, quase impossível que poucos jovens se propõem a

realizar. Percebe-se que quanto mais cedo, se dá o ingresso do jovem no mercado de trabalho, mais precária é sua inserção neste mundo do trabalho. Assim a entrada no mercado de trabalho deve ser protelada para que este jovem tenha seu tempo adequado de estudo e também contribua para reduzir a pressão sobre o mercado de trabalho que sua entrada precoce proporciona. No entanto para isso, são necessárias mudanças estruturais que forneçam condições econômicas as famílias, para que estas mantenham seus filhos na escola o maior tempo possível.

O contraste da situação ocupacional dos jovens trabalhadores de Guaíra sugere que a única maneira de melhorar esta situação seria promover o desenvolvimento de melhoria nas condições econômicas das famílias para assim manter o jovem na escola até se sentir preparado para o mercado de trabalho.

No quadro estrutural apontado, a falta de emprego, os baixos salários e a informalidade têm contribuído para que os jovens migrem para o mercado de trabalho informal e muitas vezes ilegal. Assim a informalidade e até mesmo a ilegalidade termina aparecendo como resultado da falta de oferta de postos de trabalho para estes jovens que tem no transporte de mercadorias do Paraguai para o Brasil uma fonte de renda que atende as necessidades imediatas de consumo. Já que a cidade não oferece o emprego industrial formalizado para absorver esta mão-de-obra juvenil que cresce a cada dia.

Por conta da não oferta de postos de trabalho, a necessidade de sobrevivência e consumo obriga muitos jovens a aceitar qualquer serviço e se sujeitar a qualquer salário. Entram para o mercado de trabalho informal e muitas vezes ilegal. Esta mão-de-obra pode ser facilmente admitida, pode ser remunerada com menos de um salário mínimo dependendo das horas trabalhadas e dos produtos transportados. Sem qualquer direito trabalhista assegurado, estes jovens não possuem nenhuma proteção e ainda a clandestinidade protege aqueles que os empregam.

Neste artigo busquei problematizar como essas experiências de vida e trabalho, juntamente as determinações e escolhas vividas por estes jovens se apresentaram num contexto histórico marcado por grandes transformações nas relações sociais nos últimos anos na cidade de Guairá-PR por conta da formação do lago de Itaipu, que transformou esta região em uma fronteira aberta que facilita a entrada de produtos oriundos do Paraguai de forma ilegal.

## BIBLIOGRAFIA

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Estudos e Pesquisas nº 24**, 2006. [www.dieese.org.br](http://www.dieese.org.br) acesso em 14/08/2009.

[www.depacom.or.br/eventos/2008/Palestra](http://www.depacom.or.br/eventos/2008/Palestra) Marcio Ponchmann. acesso em 02/09/2009.

GENTILI, Pablo. **Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais**. In: LOMBARDI, J. et al. (Orgs.) *Capitalismo, Trabalho e Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, HISTEDBR, 2002. p. 45-59.

GORENDER. *Jacob. Marxismo Sem Utopia*, Editora Ática, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Antologia Selección, traducción y notas**, de SA-CRISTAN, Manuel. México, Siglo Veintiuno, 1978.

IPARDES. *Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Mapa do Trabalho Infanto-juvenil no Paraná*. Curitiba: IparDES, 2007.

MAFRA, Leila A. **Trabalho e experiências de educação na formação de aluno da escola de 2º Grau no Brasil**. Belo Horizonte, 1989. Relatório de pesquisa.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão Social e a Nova Desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MINISTÉRIO PÚBLICO. **Direito à Profissionalização: Corolário da Proteção Integral das Crianças e Adolescentes**. Revista do Ministério Público do Trabalho, Ano VII, nº 14, set/97, Brasília, p. 36.

PONCHMANN, Marcio. **Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 90**. In: *Globalização, Trabalho e Desemprego-um enfoque Internacional*. Belo Horizonte: Ciarte, 2001, p. 202-224.

-----**Educação E Trabalho: Como Desenvolver Uma Relação Virtuosa?**  
Campinas, Vol. 25, N. 87, P. 383-399, Maio/Ago. 2004 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso junho de 2008

SADER, Emir(org.)**Sete pecados do capital**. São Paulo: Editora Record, 1999 . pg. 57-77

SAVIANI, D. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias**. In: FERRETTI, C. J. *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SINGER, Paul. **Poder, política e educação.** Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 1996 N ° 1 [www.anped.org.br](http://www.anped.org.br) acesso em 25/08/2009.

THOMPSON, E. P. Costumes em Comum. Cap 6 **Tempo disciplina de trabalho e capitalismo industrial** p.p 267-304. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semnovich. **Aprendizado e desenvolvimento: Um Processo Sócio Histórico.** (org.) Marta Kohl de Oliveira. São Paulo: Spcione, 1995.

---